

Sinal de alerta

O nível do cortisol **pode interferir no desencadeamento da depressão**, segundo estudo inglês. Entenda a relação:

O CORTISOL

É um hormônio da família dos esteroides **produzido pela parte superior da glândula suprarrenal**. Uma das principais funções é ativar **respostas físicas do corpo em situações de emergência ou de estresse**

Causa **aumento na pressão arterial** e no açúcar presente no sangue, além de possuir propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes

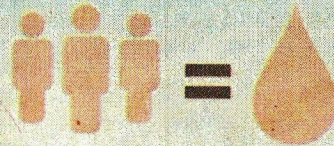
Quando encontrado em excesso, **pode causar, entre outros problemas, alterações no sono, sensação de fadiga, desequilibrar a taxa de glicose e causar recuperação lenta no caso de doenças**

Anderson Araújo/CB/D.A Press

O ESTUDO

1.858

adolescentes participaram da pesquisa.



Foram recolhidas **amostras de saliva** dos voluntários com o intuito de medir o nível de cortisol



Cada adolescente preencheu um questionário em que os cientistas buscavam **indícios da presença de sintomas depressivos**



Um ano após a coleta de dados, os participantes **foram divididos em quatro grupos, classificados de acordo com o nível de cortisol e a presença ou ausência de sintomas depressivos**



Os resultados indicaram ainda uma **propensão maior de os meninos desenvolverem a doença**. Em relação ao grupo que tinha nível normal de cortisol e nenhum sintoma de depressão, ela chega a ser **14 vezes maior entre os meninos e quatro vezes maior entre as meninas**

Teste de hormônio indica depressão

A união de sintomas depressivos e do alto nível de cortisol pode servir como forma de diagnóstico da doença, segundo cientistas do Reino Unido. Hoje, apenas uma análise psiquiátrica confirma a existência do mal

doença antes disso, pesquisadores do Reino Unido analisam a concentração do hormônio do estresse em adolescentes. Altas taxas de cortisol combinadas com comportamentos depressivos podem ser o primeiro marcador biológico da doença.

“Isso vai nos ajudar a criar estratégias voltadas para a prevenção e a intervenção nesses indivíduos na esperança de reduzir os graves riscos causados pela depressão e suas consequências na vida adulta”, aposta Ian Goodyer, líder do estudo e professor da Universidade de Cambridge. Os resultados foram divulgados na revista *Proceedings*, da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. Entre as constatações, os cientistas concluíram que a depressão é mais frequente em meninos e que os participantes com sintomas da doença e nível alto de cortisol tinham predisposição 14 vezes maior de desenvolver o distúrbio do que aqueles que não apresentavam nenhuma das duas características.

Os pesquisadores afirmam que esse marcador sugere que médicos possam oferecer abordagens mais personalizadas e direcionadas a adolescentes com maior risco de depressão. “Essa pode ser a tão esperada

maneira de reduzir o número de pessoas que sofrem com a doença”, reforça Matthew Owens, coautor do estudo.

Porém, segundo Paulo Mattos, coordenador de pesquisa em neurociência do Instituto D’Or, no Rio de Janeiro, a importância da descoberta se restringe ao campo científico. “Do ponto de vista teórico, a descoberta é relevante porque pode ajudar pesquisas futuras, mas não acredito que seja um procedimento prático”, afirma. José Alberto Del Porto, psiquiatra do Hospital da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), compartilha a mesma opinião de Mattos. “É um projeto interessante, que pode ser útil para pesquisas mais aprofundadas. Mas, na prática, o melhor instrumento de diagnóstico ainda é a análise clínica”, afirma.

Mattos conta que testes com cortisol já foram usados para

auxiliar no diagnóstico da depressão anteriormente. Mas a concentração do hormônio era medida no sangue. “O paciente tomava à noite uma cortisona artificial para inibir a produção natural de cortisol no corpo. Na manhã do dia seguinte, ia ao laboratório medir o nível de cortisol que, devido à inibição, deveria estar baixo. O que se observou em pacientes com depressão foi que, mesmo com a ação de supressores, as taxas de cortisol se mantinham altas”, explica.

Saliva

Nos estudos conduzidos por Goodyer, 1.858 adolescentes tiveram amostras da saliva recolhidas pela manhã e se submeteram ao procedimento um ano depois. Nesse período de 12 meses, os garotos e as garotas forneceram autorrelatos da vida.

Comprovação

Com o intuito de demonstrar que a combinação de alto nível de cortisol e sintomas depressivos é um marcador para depressão, os pesquisadores submeteram todos os participantes a um teste de memória sobre episódios da vida. Tanto os meninos quanto as meninas do grupo 4 foram ruins em lembrar de memórias autobiográficas em mais de 30 exemplos de situações. Quando ouviram a palavra piquenique, por exemplo, a maioria dos adolescentes deu um relato detalhado sobre uma experiência vivida, sendo que os do grupo 4 relataram menos detalhes. A dificuldade com lembranças autobiográficas é um indicio de depressão.

conta os demais participantes. Por outro lado, meninas do grupo 4 apresentavam quatro vezes mais chances de ter a doença que as do primeiro grupo, mas não mais propensas a enfrentar o problema do que as demais.

Com as **amostras**, os britânicos analisaram a probabilidade de cada jovem desenvolver depressão clínica ou outros transtornos psiquiátricos durante acompanhamento de 12 a 36 meses depois do início do estudo. “É uma possibilidade frente a uma doença terrível que vai afetar cerca de 10 milhões de pessoas no Reino Unido”, avalia Goodyer.

Del Porto concorda com a perspectiva de combate à doença dos pesquisadores e reforça a importância da descoberta. “O mais interessante é que poderá ser possível identificar precocemente a propensão à depressão em uma população de risco”, resalta o psiquiatra. Para Mattos, a pesquisa oferece também a possibilidade de acabar com o questionamento de diagnósticos psiquiátricos relacionados à depressão. “O fato de os nossos diagnósticos serem feitos clinicamente ainda deixa as pessoas muito inseguras. Todos querem exames que comprovem os resultados”, explica.

» FLÁVIA FRANCO

Análises clínicas feitas por psiquiatras chanceiam a existência da depressão, mal que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), pode afetar uma em cada seis pessoas em algum momento da vida. Em busca de formas de detectar indícios da